

J. FERNANDES MASCARENHAS

NOTAS DE ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA SOBRE O ALGARVE



Olhão
1989

Separata de «A Voz de Olhão»

Por Terras do Algarve

Ensaíos de História e Arqueologia

DUAS PALAVRAS DE ABERTURA

Prosseguindo nas pesquisas de arqueologia e história que tenho vindo a realizar de há muitos anos a esta parte, publico hoje mais este modesto trabalho que se integra na minha obra **Por Terras do Algarve-Ensaio de História e Arqueologia**. Os resultados das pesquisas arqueológicas sobretudo, foram por mim depositadas no Museu Paroquial de Moncarapacho, na altura da sua organização e posteriormente. Entre muitas dessas peças de marcado valor arqueológico está o marco milinário de **Bias do Sul**, freguesia de Moncarapacho, da via romana que, pelo litoral, estabelecia a ligação de Balsa a Ossónoba, esta última cidade, como aliás o referido marco confirma, situada na zona de Faro (J. F. Mascarenhas, **Elementos de Arqueologia sobre o Algarve — 1967**).

Este monumento romano foi encontrado num arroteamento de terras a que o respectivo proprietário procedeu, tendo sido mutilado e utilizado numa nora por não saberem ler a inscrição que o mesmo continha. Porém, felizmente salvou-se uma parte, que informa bem de que monumento se trata.

Ainda antes de o ter classificado, dei conta da sua existência ao sábio Prof. José Leite de Vasconcelos, após uma visita que fez a Moncarapacho, recebendo-o na minha residência. Vinha acompanhado pelo meu saudoso e ilustre Amigo, Dr. Francisco Fernandes Lopes.

Realmente o Algarve é bastante rico em achados arqueológicos conforme tenho verificado através da bibliografia sobre o assunto, por observação directa do que se encontra nos museus e fora deles e nos campos onde se têm realizado escavações, em três das quais tomei parte. E não admira tal facto, porquanto pelo Algarve passaram muitos povos, desde a mais remota antiguidade, deixando na terra vestígios da sua vida quotidiana.

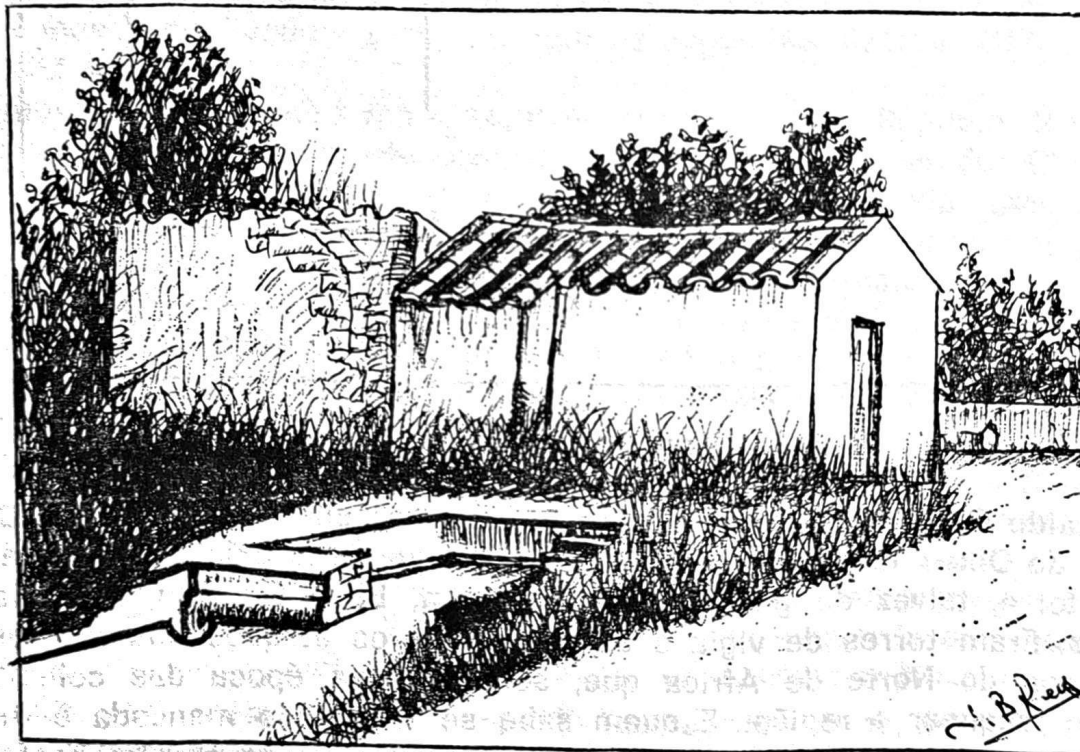
Entre as freguesias ricas em arqueologia conta-se Moncarapacho, onde se descobriram os famosos ídolos antropomórficos, referidos na bibliografia da especialidade, e nas lições de arqueologia pré-histórica proferidas por vários docentes universitários.

J. Fernandes Mascarenhas

O TORREJÃO VELHO EM BELAMANDIL E OS SEUS VALORES ARQUEOLÓGICOS

I — O LOCAL

O Torrejão Velho é um local da freguesia de Pechão, sítio de Belamandil, concelho de Olhão, explorado arqueologicamente em 1877 por Estácio da Veiga, o qual, segundo a **Carta Archeologica do Algarve** «é uma povoa-



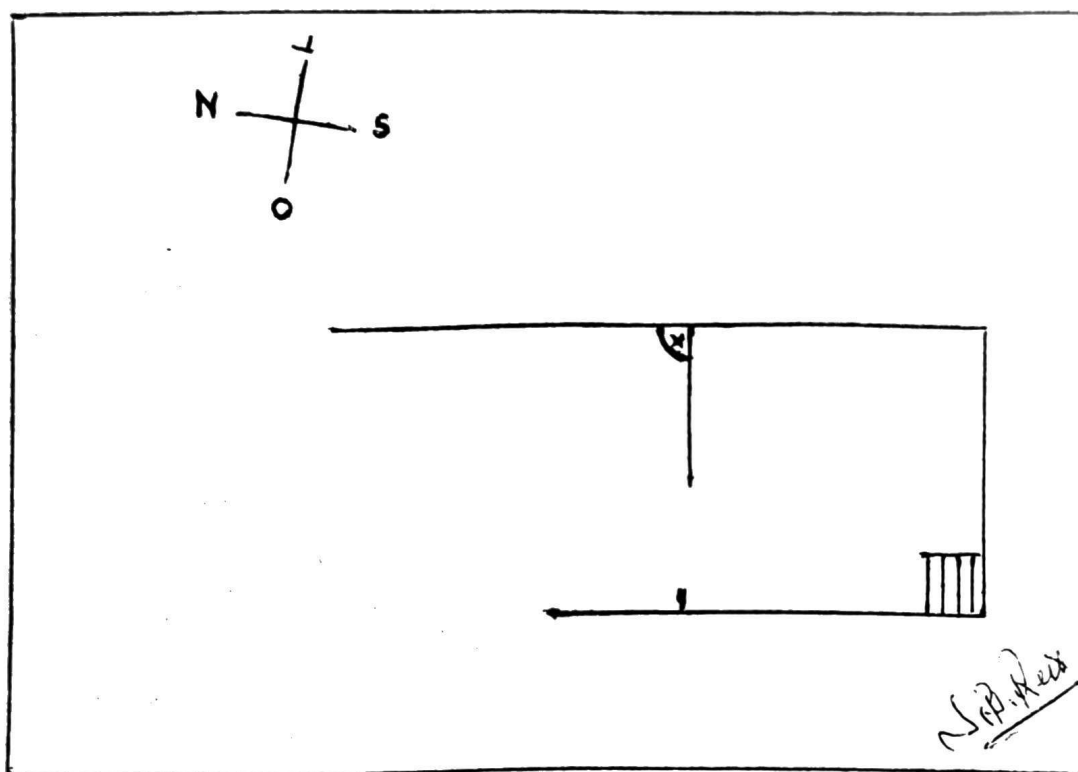
Aspecto do balneário do Torrejão Velho

ção extinta ou arrazada» da época romana, tendo sido postas a descoberto as ruínas de um **balneário** das quais levantou uma planta, inédita, n.º 27, só publicada em 1972 (1).

Na região têm aparecido muitos vestígios romanos, tais como fundos

de ânforas, moedas e sepulturas, estas destruídas. Nós mesmo fizemos aí pesquisas ultimamente, tendo encontrado muitos restos de cerâmica, sobretudo dessa origem.

Pinho Leal, no seu **Portugal Antigo e Moderno**, referindo-se a Pechão, afirma que «há nesta freguesia duas óptimas fazendas, uma chamada **Bella Mandil** e outra **Torrejão**. São abundantes d'água e fertilíssimas» (...). «**Torrejão** é corrupção de Torre de Joanne, do que fez Torre-João e por fim **Torrejão**».



Planta do balneário

Ataíde Oliveira transcreve estes períodos na sua **Monografia do Concelho de Olhão** (2). O que equivale a dizer que teria existido nessa área uma torre, talvez do género das de Marim, Bias, Quatrim, Alfanzia e outras. Eram torres de vigia e defesa contra os ataques dos mouros e argelinos do Norte de África que, sobretudo na época das colheitas, vinham saquear a região. E quem sabe se teria sido mandada edificar ou reconstruir por El-Rei D. Dinis como atalaia dessa região, bastante fértil e tudo levando a crer que povoada desde épocas distantes. D. Dinis cuidou a sério do problema da defesa do Reino do Algarve, reconquistado por El-Rei D. Afonso III seu pai.

O distinto escritor e filólogo e nosso saudoso Amigo, sr. A. Henrique Cabrita, também admite que Torrejão é corruptela de **Torre de Joanne** (3), o que se nos afigura com toda a lógica.

Quanto a Belamandil, como provámos com um documento de El-Rei D. Dinis que descobrimos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e por nós publicado em primeira mão, escreveu-se primitivamente Benamandil (4), topónimo retintamente árabe.

II — MOEDAS E OUTROS VESTÍGIOS ROMANOS

Nesse local encontraram-se muitas moedas romanas, aproximadamente umas 50, possuindo o nosso Amigo, sr. João Baptista dos Reis, muito interessado por assuntos de arqueologia e distinto pintor de arte algumas, entre as quais as seguintes:

- 1 da República Romana (com a Loba, Rómulo e Rémulo), (5);
- 1 de Marcia Otacilia Severa (imperatriz), (6);
- 1 de prata de Filipe, denominado o Árabe, por ter nascido na Arábia (M. Júlio Filipe), (7);
- 1 de Constantino Magno (muito bem conservada), (8);
- 1 que parece de um imperador de nome Constâncio, mas houve 4 imperadores com nome idêntico, um deles Constâncio Gallus Caesar (9).

A moeda da República Romana tem os seguintes dizeres: DEA ROMA MAXIMIANUS.

Além destas moedas romanas, mais duas que o sr. Baptista dos Reis teve a gentileza de nos oferecer, uma das quais do imperador Constantino. Apareceram no local também moedas dos nossos reis: uma de D. Duarte I e outra de D. Afonso V e certamente muitas outras em poder de particulares, de que não tivemos conhecimento directo.

Para este nosso trabalho de arqueologia sobre o Torrejão ofereceu-nos o sr. Reis também uma planta do balneário e um desenho do mesmo no estado em que na altura se encontrava e desenhos de duas moedas romanas da sua colecção, por ele próprio executados.

O sr. Baptista dos Reis, que é natural de Pechão, possui em Belamandil, no local do Torrejão Velho, uma propriedade onde ainda se encontram por vezes vestígios romanos durante a faina agrícola.

E já agora vem a propósito a seguinte pergunta: Porque Torrejão Velho? Porque o «Torrejão Novo» fica na margem esquerda do ribeiro de Belamandil, o sítio onde tanto o Torrejão Velho como o Novo se situam.

Além deste coleccionador, segundo fomos informados, possui também uma boa colecção de moedas, algumas das quais romanas, o sr. Francisco Guerreiro, actual Presidente da Junta de Freguesia de Pechão. E o nosso Amigo, sr. Henrique Ângelo, que teve uma propriedade no Torrejão Velho, também encontrou várias moedas de Constantino que as ofereceu.

Ainda no respeitante a moedas do Torrejão Velho as do imperador Constantino Magno, do século IV d. C., são as que têm sido encontradas em maior número, e também as do imperador Filipe I (M. Julius Philip-

pus), do século III d. C., e de sua mulher, a imperatriz Marcia Otacilia Severa, anteriormente referidas, levando-nos a concluir que o período áureo do Torrejão Velho teria sido durante os séculos III e IV d. C., sobretudo neste último século.

Quanto às ruínas do balneário levantou Estácio da Veiga a planta que vem reproduzida na notável obra da autoria da ilustre arqueóloga e escritora, Dr.^a Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos Santos — **Arqueologia Romana do Algarve, Vol. II**, uma das obras basilares para quem quiser estudar com segurança a romanização do Algarve.

O fundo do balneário, para o qual se desce por 3 ou 4 degraus, «é um pavimento pentagonal de mosaico, incompleto, geométrico e policrómico de tesselas brancas, pretas, amarelas e vermelhas» (10), do qual existe no Museu Nacional de Arqueologia um fragmento (11). Apareceu ainda um tubo de chumbo que, segundo informação do sr. Baptista dos Reis, era certamente de uma conduta de água que estaria ligada ao balneário. No local apareceram também em tempos sepulturas, certamente romanas, segundo informação do sr. Henrique Ângelo, com base no que um seu avô lhe contava, e toda uma série de vestígios a que anteriormente nos referimos.

Ainda não há muito tempo nos ofereceram no local, tijolos de sector circular que fizeram parte de colunas laterícias, muito usadas nas construções romanas do Algarve, dado que não existiam mármorees na região e, como também sabemos, vinham colunas e capitéis de Roma para muitas construções que aqui se faziam. Muitos desses tijolos temos recolhido em vários sítios, a confirmar o que afirmamos sobre colunas laterícias.

Além destes vestígios, Estácio da Veiga indica no **Inventário do Museu Archeológico do Algarve**: «tijolos, fragmentos de vasos de vidro, e vários objectos de metal, sendo quatro em bronze, dos quais dois eram anzóis (o mar não fica muito distante) e quatro instrumentos de ferro», que recolheu no local (12).

III — DESCOBERTA DE UM CAPITEL CORÍNTIO E DE UM FUSTE DE COLUNA

Ainda não há muito tempo o Sr. Alcides Vale a 4 ou 5 cms de profundidade, portanto quase à superfície, encontrou junto ao referido balneário numa cava a que procedeu na sua propriedade do Torrejão Velho, um belo capitel coríntio, de calcário regional que, graças ao nosso interesse e à valiosa intervenção dos nossos Amigos srs. Francisco André e Fustáquio Xavier Martins junto do sr. Alcides Vale, conseguiu-se que o referido capitel fosse depositado no Museu Paroquial de Moncarapacho.

Como lá estivemos na altura em que o capitel veio para o Museu, como é de supor, conversámos largamente sobre as circunstâncias em

que se verificou o referido achado, que veio enriquecer o mesmo Museu e sobre outros anteriores achados.

Segundo nos informou o Sr. Alcides apareceu na mesma altura um fuste de coluna, também de calcário, que desapareceu «misteriosamente».

O capitel do Torrejão Velho, que é romano, é uma bela peça com as seguintes dimensões: Altura — 0,32 m. e Largura — 0,57 m. E os tijolos, em forma de quarto de círculo, têm de raio 0,07 m. o que equivale a dizer que o respectivo diâmetro da correspondente coluna laterícia, teria 0,14 m.



Capitel coríntio

A autorização do Sr. Alcides Vale para podermos depositar o capitel no Museu de Moncarapacho foi um gesto bonito, evitando-se assim que se perdesse esse valor arqueológico agora reproduzido pela primeira vez.

É possível que o capitel e a coluna pertencessem ao balneário aí existente, podendo-se até dar o caso de outros capitéis e colunas existirem ainda subterrados, o que só uma escavação cientificamente feita podia revelar. O aparecimento deste capitel e do fuste de coluna vêm mostrar o interesse que tem a estação arqueológica do Torrejão Velho, onde certamente existiram outras construções de que ainda se vêem restos, mas, como dizíamos, só uma escavação o pode revelar em toda a sua latitude.

A cidade de Olhão fica entre a rica estação arqueológica da Quinta de Marim, muito mal tratada através dos séculos, e o Torrejão. E, caso curioso tanto a nora existente em Marim, quase junto à Torre que aí existe, e a do Torrejão, são idênticas e muito antigas. Talvez de origem

árabe e os árabes também por ali andaram, conforme se deduz dos próprios topónimos da região e até de cenas lendárias que o povo tem transmitido de geração em geração.

O Torrejão Velho lembra a quinta de Marim, mas mais pequeno do que ela. Deve talvez ter sido uma **villa romana**, até porque os terrenos são muito férteis e com água para rega. Aliás, os romanos sabiam escolher bem os terrenos onde se instalavam. E é até muito natural que a via militar que ligava Ossónoba (na região de Faro) a Balsa passasse próximo da **villa** aí existente, como passaria junto da quinta de Marim.

Quanto à Torre de Joane essa desapareceu, mas a tradição ficou no topónimo Torrejão. Quer dizer que de um e outro lado do **logo** de **Olham** existia uma torre de vigia e defesa, não só das propriedades que os marroquinos e argelinos talavam no tempo das colheitas, como do **logo** de **Olham**. E repare-se que o **logo** de **Olham** já existia no reinado de D. Fernando I, o formoso, bisneto de D. Dinis, tendo sido este último rei quem mandou edificar a Torre de Marim e certamente a do Torrejão Velho, como muitas outras torres do Algarve.

Tanto a Torre de Marim como os restos do balneário do Torrejão Velho deveriam ser considerados monumentos de interesse público, pois seria a forma de se evitar a sua destruição. E, logo que possível, realizarem-se escavações em ambos os locais cientificamente orientadas. É certo que muito tem sido destruído na Quinta de Marim, mas apesar de tudo alguma coisa ainda se poderá recuperar de interesse arqueológico.

(1) Affonso dos Santos (Maria Luisa Estácio da Veiga) — **Arqueologia Romana do Algarve** (Subsídios), Braga, 1972, Vol. II, pp. 244-246.

(2) Ob. cit., p. 202.

(3) Aut. cit. — **Subsídios para o estudo das origens dos topónimos do concelho de Olhão**, Vila Real de Santo António, 1978, p. 39.

(4) Mascarenhas (José Fernandes) — **Algumas doações de D. Dinis em Faro e seu termo** (Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1974), pp. 4-6. Auxiliou-nos na leitura dos documentos da referida separata, designadamente sobre Benamadil, a distinta conservadora do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Dr.^a Maria José Mexia, e na tradução dos documentos em latim o nosso querido e ilustre Amigo, Rev. Padre António Joaquim da Silva, que foi Superior dos Padres Lazaristas em Moçambique, Reitor do Seminário da Arquidiocese de Lourenço Marques e Pároco da cidade de Trigo de Morais, hoje Chocué, onde trabalhámos em assuntos económicos do Colonato do Limpopo. A ambos os nossos sinceros agradecimentos.

- (5) Sear (David R.) — **Roman Coins and Their Values**, Revised Edition, 1970, London, 1970, p. 56.
- (6) **Ob. cit.** pp. 231-232.
- (7) **Idem**, pp. 227-230.
- (8) **Idem**, pp. 312-313.
- (9) **Idem**, pp. 300-302, 324-327, 350, 330-331.
- (10) **Arqueologia Romana do Algarve**, ob. cit. Vol. II, p. 245.
- (11) **Idem**, pp. 245-246.
- (12) **Idem**, p. 245.

AGRADECIMENTOS

Vão também os nossos melhores agradecimentos para os senhores João Baptista dos Reis e Alcides Vale, pela valiosa colaboração que nos dispensaram, assim como para os senhores Francisco André e Fustáquio Xavier Martins.

MOEDAS ROMANAS ACHADAS EM MONCARAPACHO

Na área de Moncarapacho têm sido encontradas muitas moedas romanas. De algumas temos tido conhecimento e de outras não, por as terem vendido ou oferecido a coleccionadores de fora da freguesia.

Além de uma de Septímio Severo encontrada no antigo Largo do Poço (hoje do Major João Xavier de Castanheda), têm aparecido moedas romanas na «Horta do Padre Graça», onde outros achados de diversa natureza se têm verificado, alguns deles que nos foram oferecidos pelo nosso saudoso Amigo José de Brito, falecido no Brasil.

Na Alfaxia também apareceram diversas moedas, algumas das quais nos foram oferecidas pelo nosso saudoso Amigo José Correia Vargues. Junto do referido Largo do Poço, apareceu também uma moeda romana na altura dos trabalhos do saneamento básico da povoação, na posse do nosso Amigo e coleccionador Eduardo de Mendonça Vargues. Apareceram moedas romanas: no sítio do Gião; na «Horta do Quintalinho»; na Cruz da Pedra (estas duas últimas também na colecção de Eduardo de Mendonça Vargues); nas Olarias; Barria e no sítio das Areias. Esta foi-nos oferecida pelo sr. Eusébio, destinada ao Museu Paroquial de Moncarapacho onde se encontra.

Sem ser nosso intento fazer aqui um estudo numismático completo dessas moedas, não queremos no entanto deixar de indicar com algum desenvolvimento algumas das que foram encontradas na Alfaxia. Uma do imperador Octaviano César Augusto, de 27 a. C. — 14 d. C., em nosso poder (J. F. Mascarenhas — **Fornos de Cerâmica e outros vestígios romanos do Algarve**, pp. 13 e 14), cuja notícia foi por nós dada em primeira mão, e outra do imperador Nerva, 96 — 98 d. C. (David R. Sear — **Roman Coins And Their Values**, London, p. 125).

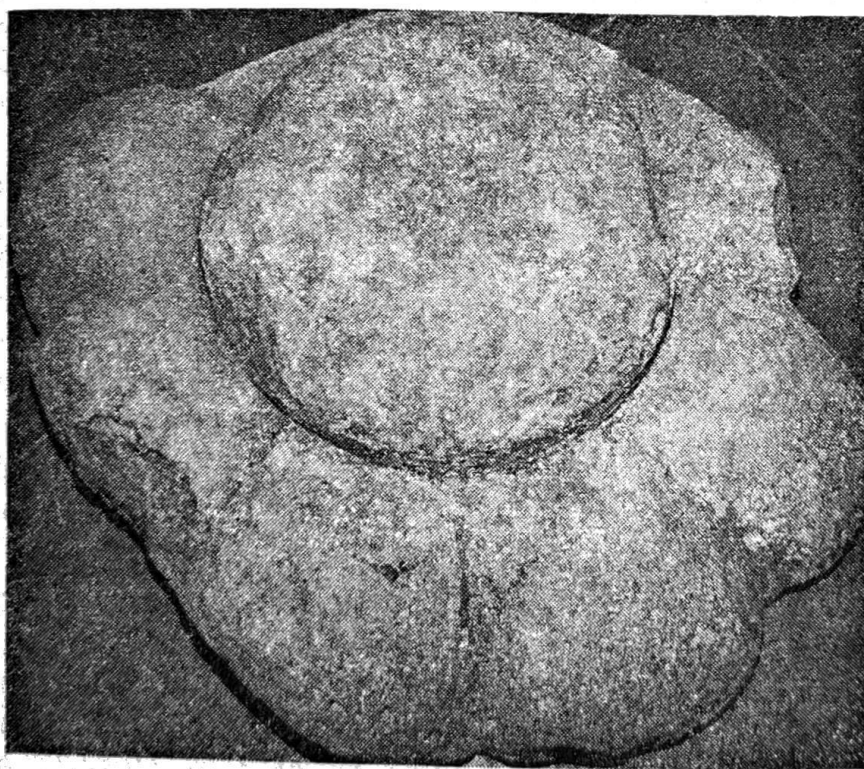
A de César Augusto tem alto interesse, pois tendo os romanos vindo para a Península no século III a. C. «os mais antigos testemunhos históricos da luta d'eles com os Lusitanos data do ano de 193 a. C. e essa luta continuou até à conquista definitiva da Lusitânia no tempo de Augusto» (Doutor J. Leite de Vasconcellos — **Lições de Filologia Portuguesa**, Terceira edição, comemorativa do nascimento do autor, Rio de Janeiro, 1959).

É uma moeda que confirma bem a antiguidade de vários vestígios romanos que se têm encontrado na Alfanzia, por nós já estudados e publicados.

Quanto à moeda achada nas Areias, é do imperador Maximino Pio ou Maximiano I, 235 — 238 d. C. É uma moeda de bronze perfeitíssima (David R. Sear, *ob cit*, pp 215 a 217).

UMA PIA DA ERMIDA DE S. MIGUEL, NO CERRO DO MESMO NOME QUE TUDO INDICA SER DE PROVENIÊNCIA ÁRABE

Da ermida de S. Miguel, situada na vertente norte do cerro do mesmo nome, na freguesia de Moncarapacho, veio para o seu Museu Paroquial, uma pia de mármore branco com laivos da cal que a revestiu, em forma



Pia da ermida de S. Miguel

de rosa singela de oito pétalas, a qual serviu de pia de água benta no mesmo templo.

Na sua rusticidade, esta ermida de que encontramos referências documentais que provam a sua existência já no século XVI (1), parece-nos

porém mais antiga, de que são testemunho os seus portais em estilo gótico muito primitivo.

A pia apresenta-se partida numa das faces, operação talvez quando a fixaram numa das paredes do templo para a finalidade religiosa em vista, ou picaram qualquer inscrição que porventura teria.

Ora por comparação com outra que casualmente encontrámos no Vol. IV, p. 317, da «Etnografia Portuguesa» do Prof. Doutor José Leite de Vasconcelos, é absolutamente semelhante e até no número de pétalas. Aliás, nas rosetas que vulgarmente colocavam nos portais de pedra de várias casas desta região algarvia, muitas ainda existentes, aparecem também oito pétalas, embora com aspecto diferente. Talvez uma tradição que vem de longe. Estas pias são possivelmente de inspiração bizantina!

A reproduzida na «Etnografia Portuguesa», é de proveniência árabe, até pela inscrição que ostenta.

Foi a mesma estudada, traduzida e publicada a respectiva inscrição na revista «Ethnos» (2), juntamente com uma fotografia da pia, pelo Dr. A. R. Nyki, de cuja revista foi reproduzida a que se vê no volume citado da «Etnografia Portuguesa». Simplesmente a da ermida de S. Miguel tem de diâmetro 0,395 m. e a estudada pelo Dr. A. R. Nyki 0,535 m.

Diz o referido autor que «parece-se à pia do templo de Al-Hakam al-Mustansir, no Museu Arqueológico de Granada (de seis pétalas), e à do Jardim de Lindaraja na Alhambra» (3).

As pias deste género eram destinadas a abluções rituais que a religião maometana preceitua, conforme verificámos pessoalmente, nas visitas que fizemos às mesquitas de Lourenço Marques, Ilha de Moçambique, de A'Ksa e Omar, em Jerusalém. Tais visitas serviram não só para nos documentarmos de algumas práticas dessa religião, como para contemplar a beleza extraordinária de algumas das mesmas mesquitas, nomeadamente as existentes na cidade santa de Jerusalém.

Para uma melhor elucidação sobre o que acabamos de expor, com a devida vénia, transcrevemos da revista «Ethnos» o que se segue:

«6. E. 6456 — Uma pia de abluções, de mármore, em forma de concha ou rosa de oito pétalas. Segundo uma nota do Dr. Leite de Vasconcelos, pertencia à colecção de Estácio da Veiga e procedia provavelmente de Cacelas (sic.). Em torno do bordo superior há uma inscrição, muito gasta pelo decorrer da água, que começa com a fórmula **Em nome de Deus Clemente e Misericordioso!** e possivelmente contém alusões alcorânicas. Parece-se à pia do tempo de Al-Hakam al-Mustansil, no Museu Arqueológico de Granada (de seis pétalas), e à do Jardim de Lindaraja na Alhambra» (4).

A tradução da inscrição árabe, feita pelo mesmo autor, é a que se segue:

«1 Em nome de Deus, Clemente, Misericordioso!

2 Ò gente, a promessa de Deus (a respeito do dia do juízo) é verdadeira e por isso não vos deixeis enganar.

3 pela vida deste mundo, o que não vos engane, com respeito a Deus, a ilusão! (Alcorão, XXXV, 5).

4 Esta é a sepultura de °.Abdallâl ibn °.Abdallâh; faleceu

5 no dia de sábado do mês Jumddâ (o primeiro?) do ano

6 quatrocentos e noventa e oito

Esta data corresponde a 21 de Janeiro de 1105.

Dimensões do texto só: 23 cm. de alto por 28 cm. de largo.

Não se sabe onde se encontra o original.» (5).

Analisando o texto transcrito fica-se a saber que a pia é da colecção de Estácio da Veiga e que, por lapso, certamente vem escrito **Cacelas** em vez de Cacela. Além disso que a inscrição pertenceu à sepultura de Abdallâh ibn Abdallâh, talvez daí natural e que foi sepultado em Cacela, terra de certa importância no tempo do domínio árabe do Algarve. E que tal género de pias usavam-se junto das sepulturas, certamente de pessoas de certo relevo social ou religioso, como seria o caso.

Cremos que foi à igreja de Cacela onde Estácio da Veiga teria ido buscar essa pia que, nesse templo, deveria também ter servido para a água benta, pois quando aí estivemos há tempos, verificámos que as duas pias que ladeiam a porta principal são precisamente idênticas à da colecção de Estácio da Veiga embora de aspecto mais recente.

Deve-se ter passado talvez o seguinte: Estácio da Veiga teria dado em troca da pia árabe as duas idênticas, que mandou fazer à sua custa e que aí se encontram.

Por tudo quanto acabamos de expôr, a pia da ermida de S. Miguel é uma peça que tudo indica ser de proveniência árabe e que teria servido primitivamente para abluções, isto é, com aplicação idêntica à de Cacela.

II

Em face da localização do achado, num lugar ermo, e da forma da ábside da ermida de S. Miguel com uma cúpula rematada por um pequeno pináculo, é motivo para pensar se não teria aí existido qualquer pequeno templo árabe, por exemplo um **morábito**, no qual se veneraria qualquer crente fervoroso de Alá, que teria tido uma vida extraordinária, como ainda hoje sucede em Marrocos e noutros países muçulmanos?

Tais templos são sempre guardados por um asceta que vive das esmolas e ofertas dos fiéis, um **marabuto**.

Que a pia da ermida de S. Miguel parece de origem árabe não há dúvida.

O Prof. J. Leite de Vasconcelos estudando o culto dos deuses pagãos na sua obra «Religiões da Lusitânia», diz-nos que «entre os deuses da

Lusitânia é Endovéllico o de que restam mais monumentos, e também aquelle a respeito de quem mais se tem escrito (6). No alto do outeiro de S. Miguel da Mota, próximo de Terena, no concelho de Alandroal (Alentejo), onde se localizava um célebre templo desse deus, existiu posteriormente uma capela dedicada a S. Miguel Arcanjo» (7).

S. Miguel, o grande lutador contra Satanás «foi talvez na Frígia que teve o seu primeiro santuário, perto de Hierápolis, em substituição do deus das águas termais», diz-nos o Dr. Mário Martins, s. J., na sua erudita e brilhante obra «Estudos de Cultura Medieval» (8). E, junto de Constantinopla, diz-nos ainda o mesmo autor, já no séc. IV, dedicaram-lhe uma igreja e ali sucedeu a Esculápio, deus da medicina. Na Gália, ocupou o lugar de Mercúrio, nas eminências dos montes. Assim aconteceu, por exemplo numa colina da Vendeia, ainda hoje, denominada Saint-Michel-Mont-Mercure» (9).

Como é de calcular, os cristãos destruíram os ídolos e substituíram os templos pagãos por templos da religião que abraçavam — o Cristianismo. Foi o caso do templo de Endovéllico e de todos anteriormente referidos. Situações idênticas se passaram nos tempos da Reconquista, em que muitas mesquitas e outros templos maometanos foram transformados em templos cristãos e vice-versa.

O templo de S. Miguel, situado no sítio do Barranco do mesmo nome, não teria sido edificado sobre as ruínas de algum **morábito**? De uma mesquita não nos parece, dado que o local o não justificaria, pois se tal tivesse sucedido o nome teria certamente ficado na toponímia.

A sua localização, não muito distante das **Alcarias**, no sítio da Jordana, permitia que os adeptos de Maomé das referidas **Alcarias**, aí se deslocassem em visitas piedosas. E que existiram sepulturas no local é uma verdade que nos foi relatada por pessoas do Barranco que as viram há já bastantes anos.

A freguesia de Moncarapacho embora muito romanizada, teve alguns pontos onde os árabes se fixaram.

Da sua passagem ficaram, por exemplo, os topónimos Alcarias, Alfandanga e Alfania, este último local também muito romanizado, onde têm aparecido muitos vestígios da civilização romana já por nós estudados e publicados os resultados desses estudos.

Repare-se que, nas redondezas do cerro de S. Miguel, já na freguesia de S. Braz do Alportel, há os sítios da Mesquita Alta e da Mesquita Baixa, onde certamente teriam existido templos maometanos com tal denominação. O próprio topónimo Alportel tem também origem árabe.

Seja como for, é uma hipótese que aqui fica e, com ela, a certeza que a pia da ermida de S. Miguel é semelhante à de Cacela e que tudo indica ser também de proveniência árabe, embora sem inscrição, a qual podia muito bem ter existido na parte que foi partida.

É talvez mais um vestígio árabe que não se perde e a abundância destes vestígios no Algarve não é grande. Os maiores vestígios, sem dúvida, são as suas chaminés rendilhadas, que lembram os minaretes das mesquitas, certos hábitos e muitos termos que ficaram no léxico algarvio.

(1) **Liv. 1 das Escript. da Fábrica**, fls 6-8.

J. Fernandes Mascarenhas — **O Cerro de S. Miguel**, Vila Real de Santo António, 1969.

(2) **Aut. e rev. cit. As inscrições árabes do Museu Etnológico do Dr. José Leite de Vasconcelos**, Vol. II, Lisboa, MCMXLII, p. 28.

(3) **Idem**, p. 27.

(4) **Idem**, p. 28.

(5) **Ibidem**.

(6) **Ob. cit.**, Lisboa, 1905, Vol. II, p. 111.

(7) **Idem**.

(8) **Ob. cit.**, Volume II, 2.^a ed., Lisboa, 1980, p. 278, com base em H. Leclercq, **Michel (Culte de Saint)**, no **Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne**, t. 11 (Paris, 1933) col. 905.

(9) **Idem**.

A ORDEM DE S. JOÃO DE JERUSALÉM OU DE MALTA NA RECONQUISTA DO ALGARVE AOS MOUROS

Segundo a **Relação da derrota naval, façanhas e sucessos dos cruzados que partirão do Escalda para a Terra Santa no Anno de 1189**, escrita por um dos cruzados que acompanhou El-Rei D. Sancho I na reconquista de Silves aos mouros, publicada em 1840, por Constancio Gazzera, da Real Academia de Turim e traduzida, comentada e publicada em Portugal por João Baptista da Silva Lopes em 1844, o exército português era acompanhado por cavaleiros das Ordens dos Templários, do Hospital e do Santo Sepulcro (1). Os cruzados, como se sabe, eram alemães, ingleses e flamengos que se dirigiam para a 3.^a Cruzada.

Pela mesma altura da tomada de Silves e segundo a **Relação da derrota naval** «vierão ao domínio dos Portuguezes os Castellos da **Carphana-val**, que supomos ser Terça-Nabal (diz Baptista Lopes), **Lagos, Alvor, Portimão, Monchique, Montagudo, Carvoeiro e Paderne**, que todos pertencião ao domínio de Silves; e Albufeira também entregue a ELREI com medo de ser acometida» (2). Quer dizer que nessa importante empresa militar encontravam-se cavaleiros Hospitalários, portanto, da Soberana e Militar Ordem de Malta, como hoje é mais conhecida. E na tomada de Faro aos mouros, realizada no reinado de D. Afonso III, vamos também encontrar cavaleiros dessa Ordem Militar, pelo menos o seu mestre, D. Fernão Lopes, acompanhando El-Rei, juntamente com muitas outras figuras principais do Reino (3).

No próprio Castelo de Silves, segundo refere o Dr. Pedro Paulo Mascarenhas Júdice, existiu uma cruz de Malta que foi destruída.

«A entrada para o recinto do castelo, diz o autor, é aproximadamente a sudoeste, e faz-se atravessando sob uma comprida abobada».

«No cimo d'esta diz-se que havia em tempo uma cruz de malta. Segundo parece as claraboias recentemente abertas fizeram desaparecer essa cruz, provavelmente por terem sido feitas justamente no lugar onde ella estava» (4).

Evidentemente que muitos dos referidos cavaleiros deviam ter estado

também na tomada dos citados castelos, feita na mesma altura, designadamente no de Lagos.

Nessa cidade existe uma ermida antiquíssima, dedicada a S. João Baptista que, quanto a nós, reflecte a influência dos cavaleiros dessa ordem militar. Essa ermida, que o Terramoto de 1755 «arrazou completamente, sendo os seus destroços arrastados pelo mar a grande distância» (5), diz-se que tinha gravada no pórtico a data de 1212, que, na era de Cristo, dá 1174 (6). Afirmam, entre outros, João Baptista da Silva Lopes na sua **Chorographia do Reino do Algarve** (7) e João Paulo Rocha na **Monografia — As forças militares de Lagos**, (8) etc. Esta ermida «foi reedificada em 1805» (9).

Ora se o castelo de Lagos foi tomado, como vimos, em 1189, a ermida já existia pelo menos 15 anos antes. Devia pois tratar-se de mais um templo, além do Cabo de S. Vicente, do de Santa Maria de Faro e outros hoje ainda não descobertos, onde os moçarabes, que existiam em apreciável número no Algarve, prestavam culto a Cristo, à Virgem Santa Maria e aos santos.

Com a tomada do castelo de Lagos e da respectiva povoação, os cavaleiros Hospitalários teriam reconstruído essa ermida, dedicando-a ao seu padroeiro, S. João Baptista, se porventura não tinha já essa invocação.

Após a tomada de Silves, D. Sancho I doou a igreja da cidade ao bispo que tinha nomeado, que a cedeu ao convento de S. Vicente de Fora em Lisboa. Mas Silves tornou a cair novamente em poder dos árabes e certamente a então aldeia de Lagos onde se ergue a ermida de S. João Baptista, só sendo reconquistada definitivamente pelas hostes portuguesas no reinado de D. Afonso III.

A presença da Ordem dos Hospitalários ou de Malta estendia-se, segundo Jorge Rodrigues e Paulo Pereira na sua excelente obra **Santa Maria de Flor da Rosa — Um estudo de História de Arte**, edição da Câmara Municipal do Crato, 1986, p. 17, «aos Bispados de Faro, Lisboa, Porto e Vila Real e a todo o Minho, geralmente apenas com o padroado dos Templos ou pequenas Comendadorias. Excepções seriam — para além das que já referimos mais acima (Vera Cruz de Marmelar, Serpa e Moura, no Baixo Alentejo, Grato, Gafete, Amieira, Gavião, Belver, Envendos, Proença, Sertã, Pedrogão, Oleiros, Álvaro e Cernache, etc.) — Comendadorias como a de S. João Baptista de Távora, perto de Arcos de Valdevez» (10), onde já estivemos numa bela e inolvidável visita de convívio fraterno realizado no solar do Cavaleiro da Ordem de Malta nosso estimado Amigo e Confrade, Senhor José Nicolau Pinto Osório da Cunha.

Ora a ermida de S. João Baptista de Lagos é um templo com as características de algumas igrejas dessa ordem militar, isto é, com uma cúpula octogonal, a simbolizar os oito braços da cruz de Malta, representativos das bemaventuranças. E a cúpula é em tudo semelhante à da Igreja da

antiga comenda de S. Brás, no Miradouro de Santa Luzia, em Lisboa, onde a Ordem de Malta ultimamente realizava as suas principais cerimónias religiosas, nomeadamente as investiduras solenes dos seus cavaleiros, igreja que sofreu muito com o terramoto de 1755, como aliás toda a cidade de Lisboa. Por outro lado, na porta principal do referido templo de Lagos existe ainda uma cruz muito semelhante à cruz da Ordem de Malta e até pintada de branco. Claro que essa cruz já não deve ser a primitiva, dado que a ermida foi destruída pelo terramoto de 1755, mas ao reconstruírem-na alguém teria informado como ela era anteriormente a esse terrível cataclismo, que arrasou por completo a cidade de Lagos.

Só é pena que o velho templo, (edificado sobre um outro primitivo) esteja em ruínas e já sem a imagem de S. João Baptista que hoje se encontra depositada na Igreja de S. Sebastião, a cuja paróquia a capela pertence. Resta-nos, porém, a consolação que está já classificada de interesse público. Mas é bom que não se fique só por aqui!

Trata-se, pois, de um templo antiquíssimo; aliás, tivemos sempre esta ideia, já quando no tempo em que prestámos serviço militar em Lagos, passávamos junto dele e observávamos a sua traça arquitectónica.

Da existência do referido templo, fala-nos também a própria toponímia da cidade, designando-se a área onde o mesmo se ergue por **Rocio de S. João**, no qual se realizam anualmente as feiras de Lagos. Tudo leva portanto a crer tratar-se de vestígios da Ordem de Malta no Algarve.

Só se aguarda que alguém, cheio de boa vontade e respeito pelos valores artísticos e históricos, tome a seu cargo a iniciativa necessária e urgente da restauração desse templo para que o mesmo, no estado deplorável em que se encontra, não seja mais um elemento degradado do nosso património cultural, cada vez mais pobre com os roubos e os vandalismos que se têm verificado nos tristes tempos em que vivemos. Que a nossa voz seja mais uma, embora humilde, a juntar-se às outras que têm vindo em defesa desse antiquíssimo templo.

(1) João Baptista da Silva Lopes — **Memórias para a História Ecclesiastica do Bispado do Algarve**, Lisboa, 1848, p. 113.

Esse autor ao descrever nas citadas **Memórias** a cidade de Silves no ano do 1.º cerco, diz na nota n.º 2 da página 109: «Tal he a descripção que faz da Cidade hum dos mesmos Cruzados, que escreveo a Relação d'este cerco, e derrota da frota de que fazia parte; a qual relação foi em 1840 publicada pelo Cavalheiro Constancio Gazzera.

A **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**, Vol. 29, pp. 15-16, também se refere largamente à tomada de Silves no reinado de D. Sancho I e à **Relação da derrota naval**, várias vezes citada.

(2) *Idem*, p. 116.

(3) Martim Velho — **A Tomada de Faro, segundo uma velha crónica, traduzida em árabe.**

A crónica é a de **El-Rei D. Afonso Terceiro**, de Duarte Nunes de Leão. (In «Anais do Município de Faro», 1969, pp. 159-175).

(4) Pedro P. M. Judice — **Atravez de Silves**, Silves, 1911, p. 119.

Quanto a nós, a cruz de Malta ou dos Hospitalários, indica-nos a sua passagem pela cidade de Silves, certamente na altura da sua tomada aos mouros, no tempo de D. Sancho I ou no tempo de D. Afonso III, quando reconquistada definitivamente, inclinando-nos mais à primeira hipótese. Não nos parece, salvo o devido respeito pelos autores que defendem opinião contrária, que fosse devido ao francês Dominique de Longueil, cavaleiro da Soberana e Militar Ordem de Malta, que foi pai de Domingos de Longueil e Faria (vide José D. Garcia Domingues — **Guia Turístico de Silves**, Silves, 1958, p. 24.).

(5) Paulo Rocha — **Monografia de Lagos**, Porto, 1910, p. 88 e **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**, Vol. 14, p. 566.

(6) **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**, Vol. 14, p. 566.

(7) **Ob. cit.**, p. 232: «Com a ponte forão arruinadas todas as hortas que ficão para esse lado, e a ermida de S. João Baptista que foi levada, a qual era talvez a mais antiga destes arredores; pois que, segundo o letreiro que tinha gravado no pórtico junto a uma cruz, remontava à era de 1212 (anno 1174)».

(8) **Ob. cit.**, p. 88.

(9) **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**, Vol. 14, p. 566.

(10) In **Cartulaire Général de L'Ordre des Hospitaliers de S. Jean de Jérusalem**, de J. Delaville Le Roulx e **Memorias da Ordem Militar de S. João de Malta**, de Fr. Lucas de Santa Catarina, obras em que os referidos autores fundamentam as suas afirmações.

NOTA FINAL

Já depois deste estudo elaborado, publicou o Jornal «O Algarve», de 17 de Novembro de 1988, em **Filhos Ilustres de Faro**, da autoria do nosso estimado amigo e ilustre académico, Prof. Pinheiro e Rosa, uma biografia do Capitão António Joaquim Ramalho Ortigão, de quem há tempos nos falou o nosso prezado Amigo e ilustre confrade, Dr. Manuel Ramalho Ortigão de Mello e Vaz de São Payo. Esse oficial (com base no interessante trabalho do Prof. Pinheiro e Rosa) foi «capitão das ordenanças de S. João de Jerusalém da Sagrada Religião de Malta, assistente do comissariado do departamento do Algarve, alferes-mor da bandeira do senado da Câmara de Faro e sargento-mor». Era irmão do Cónego Joaquim Cristovão Ramalho Ortigão, segundo o citado autor.

OS JUDEUS EM TAVIRA

A **enfiteuse** ou seja o contrato de empraçamento ou aforamento, muito contribuiu em certas épocas da vida portuguesa para o seu desenvolvimento económico e social.

São os chamados aforamentos que, mais tarde, se haviam de tornar pouco simpáticos à população e, por fim, acabaram por ser abolidos. E os nossos reis não só distinguiram com esses benefícios os cristãos como os judeus e até os mouros que por cá ficaram depois da reconquista, continuando a habitar um país que urgia desenvolver e povoar.

Focando neste pequeno ensaio apenas os judeus dos muitos que se estabeleceram em Tavira, verificamos que nos aparece uma doação já no reinado de D. Fernando o formoso, feita a um Abraham Gotta. E é curioso acentuar que esse rei, fraco mas inteligente, foi quem fez as doações nas quais nos aparecem, pela primeira vez, os **logos de Moncarapacho e Olham**.

Pelos índices que compulsámos nas Chancelarias Reais do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, os aforamentos referem-se a azenhas, chãos (para construções), pardieiros, moinhos de maré, casas, etc., localizados em Tavira.

Evidentemente que não vamos aqui apresentar matéria completamente inédita, pois vários investigadores já se têm debruçado sobre o assunto.

Acerca dos aforamentos aos judeus em Tavira, vejamos o que nos dizem os índices de algumas dessas Chancelarias Reais:

— Aforamento de Asenha na dita Cidade pelo Senhor Rey D. Fernando a Abraham Gotta. Feito a 25 de Fevereiro de 1412 (na era de Cristo 1374) — L.º 1 de D. Fernando, f. 141.

— Aforamento da Asenha chamada dos Judeus na dita Cidade pelo Senhor Rey D. João 1.º a Abraham Peco. Feito a 3 de Junho de 1429. — L.º 2 de D. João 1.º, f. 59.

— Aforamento da Asenha no circuito da Judiaria da dita Cidade pelo Senhor Rey D. Afonso 5.º a Isac Ourives. Feito a 9 de Outubro de 1458 — L.º 36 de D. Afonso 5.º, f. 100.

— Aforamento de Asenhas na dita Cidade pelo Senhor Rey D. Afonso

5.º a Jacob Sornaga, e Salomão Alpão. Feito a dois de Julho de 1463. — L.º 4 de Quad., f. 4.

— Afforamento de Moinho no Esteiro dos Sapais na dita Cidade pelo Senhor Rey D. Affonso 5.º a Mouse Almale, e José Sornega. Feito a 5 de Julho de 1463. — L.º 9 de D. Affonso 5.º, f. 96 e Li.º 4 de Quad. f. 5.

— Afforamento de chão na Ribeira da dita Cidade pelo Senhor Rey D. Affonso 5.º a Isaac Gagim. Feito a 23 de Março de 1567. — L.º 6 de Quad., f. 86.

— Afforamento de Pardieiros na cerca da Judiaria da mesma Cidade pelo Senhor Rey D. João 2.º a Izaac Talutel. Feito a 9 de Fevereiro de 1495. — L.º 4 de Quad., f. 179.

— Afforamento de Cazas na Judiaria da dita Cidade pelo Senhor Rey D. Manoel a Thomé Affonso. Feito a 5 de Setembro de 1500. — L.º 1 de Quad., f. 270.

Nesta altura em que este aforamento foi realizado já os judeus tinham sido expulsos do país por decreto de El-Rei D. Manuel I, de Dezembro de 1486.

Da leitura dos índices de tais documentos várias conclusões se podem tirar de interesse para o estudo do passado taviense e da sua população.

Já anteriormente nos tínhamos referido, em primeira mão, a uma interessante pedra judaica (um talismã), encontrada em Tavira, no Adro do Judeu, assim como a um espelho de fechadura, encontrada na mesma altura e no mesmo local. Ambos foram-nos oferecidos pelo nosso Exmo. Amigo Dr. Rui Aboim de Faria Pereira (in J. F. Mascarenhas — **Dois documentos arqueológicos recentemente achados, sobre os Judeus no Algarve**).

A pedra (ardósia) é uma das 13 do género encontradas no país, a qual foi objecto de fotografias por parte de um especialista na matéria, com destino à televisão europeia.

Essas peças valiosas depositámo-las no Museu Paroquial de Moncarapacho.

I N D I C E

	Págs.
Duas Palavras de Abertura	5
O Torrejão Velho em Belamandil e os seus valores Arqueológicos	7
Moedas Romanas achadas em Moncarapacho	15
Uma Pia da Ermida de S. Miguel, no cerro do mesmo nome que tudo indica ser de proveniência Árabe	17
A ordem de S. João de Jerusalém ou de Malta na reconquista do Algarve aos Mouros	23
Os Judeus em Tavira	27

ALGUNS TRABALHOS DO AUTOR

Da Origem e Evolução das Armas Nacionais: sua crítica — Coimbra, 1941.

O que os documentos nos dizem sobre alguns aspectos da vida económica do Algarve no século XVIII — Coimbra, 1942.

Nicho e Capela de S. Gonçalo de Lagos (Relatório sobre a sua restauração) — Lagos, 1943.

No Rumo da Educação — Lisboa, 1944.

A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos — Olhão, 1950.

A Origem da Ordem do Carmo em Portugal nas suas relações com a Ordem de Malta — Moura, 1954.

S. Gonçalo de Lagos — Subsídios para o estudo da sua personalidade e do seu culto (IV da Colecção «Estudos Algarvios» da Casa do Algarve em Lisboa) — Lisboa, 1957.

A Conquista da Vitória (Manuel organizado pelo autor e editado pela Obra dos Soldados — Direcção Nacional da Juventude Católica) — Lisboa, 1956.

A Herdade da Coroada e o Tratado das Terçarias de Moura — Lisboa, 1958.

Organismos Oficiais de Estatística Portuguesa e seus Dirigentes — Da Secção de Estatística e Topográfica ao Instituto Nacional de Estatística (1841-1958) — Lisboa, 1959.

A confusão dos cultos de S. Gonçalo de Lagos e S. Gonçalo de Amarante — Faro, 1962.

O culto de S. Gonçalo de Lagos na Família Real Portuguesa — Faro, 1962.

S. Gonçalo de Lagos venerado no Colégio Universitário Agostiniano de Coimbra — Faro, 1962:

(Comunicações apresentadas pelo autor ao I Colóquio Gonçalino e reunidas num volume sob o título «Algumas facetas do culto de S. Gonçalo de Lagos») — Faro, 1962.

- Da Vida do Bem aventurado Padre Frei Gonçalo de Lagos, Padroeiro de Torres Vedras, por Frei António da Purificação — Apresentação e notas de J. Fernandes Mascarenhas, Lagos, 1962.
- As Festas do Natal, Ano Bom e Reis no Algarve (Subsídios de etnografia e folclore) — Tavira, 1965.
- Coexistência Cultural no Ultramar Português — Lourenço Marques, 1965.
- A Cooperativa Agrícola do Limpopo — Lourenço Marques, 1965.
- A Actual Nomenclatura das Ruas de Moncarapacho — Lourenço Marques, 1967.
- O Cerro de S. Miguel — Vila Real de Santo António, 1969.
- Considerações sobre os factores educativos e económico no cooperativismo — Lisboa, 1969.
- Santo Cristo — Subsídios sobre o seu culto em Portugal, especialmente em Ponta Delgada e Moncarapacho — Lisboa, 1971.
- Motivação das Comemorações de um Centenário, in Comemoração do 5.º Centenário da Freguesia de Moncarapacho — 1971.
- Cinco séculos da vida de uma freguesia (Discurso inaugural das comemorações do 5.º centenário de Moncarapacho) — Lourenço Marques, 1972.
- Algumas doações de D. Dinis em Faro e seu termo — Faro, 1974.
- Chocué — Nome primitivo da cidade de Trigo de Morais e outros topónimos das principais localidades do distrito de Limpopo — Trigo de Morais, 1975.
- Páginas Gonçalinas — Lembrando S. Gonçalo de Lagos e a sua mensagem — Vila Real de Santo António, 1979.
- A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes — Olhão, 1981.
- Esboço da Personalidade de D. Maria Lizarda Palermo — Olhão, 1987.

POR TERRAS DO ALGARVE — ENSAIOS DE HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

I

- D. Maria da Graça Pessanha e a Capela da Farrobeira — Tavira, 1952.
- A Arte Gótica no Algarve — Uma imagem da Virgem e uma cruz da igreja de Santo Estêvão de Tavira — Tavira, 1954.
- O Vinho da Fuseta e a Economia do Algarve (Subsídios) — Tavira, 1954.

Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios — Tavira, 1962.

Elementos de Arqueologia sobre o Algarve — Tavira, 1967.

Fornos de cerâmica e outros vestígios romanos do Algarve — Lourenço Marques, 1974.

A verdadeira naturalidade de Diogo de Mendonça Corte-Real — Tavira, 1974.

Alguns subsídios arqueológicos sobre a antiga cidade de Balsa — Lisboa, 1978.

Dois documentos arqueológicos recentemente achados, sobre os judeus no Algarve — Faro, 1980.

A população de Moncarapacho no século XVI, livre e escrava, através de rois de confessados inéditos — Olhão, 1985.

O Carnaval de Moncarapacho (Subsídios para a sua história), Olhão, 1986.

Estoi, Moncarapacho, S. Bartolomeu de Messines e outras Terras do Algarve nos Levantamentos contra o domínio Filipino — Faro, 1986.

II

Acerca da antiguidade das freguesias de Quelfes e Pechão e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Olhão e sua primitiva confraria. (Novos Subsídios) — Olhão, 1987.

Notas de Arqueologia e História sobre o Algarve — Olhão, 1989.

Composto e impresso nas oficinas da
Empresa Litográfica do Sul, S. A.
— Vila Real de Santo António —
— 500 ex. — 6/89 —

SEPARATAS DE «A VOZ DE OLHÃO»

- 1 — **A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes**
por J. Fernandes Mascarenhas
- 2 — **António Henrique Cabrita, nadador prestigiado**
por Fernando Cabrita
- 3 — **O Poeta João Lúcio — Apontamento Biográfico**
por Antero Nobre
- 4 — **A População Olhanense — Sua Origem e Evolução**
por Antero Nobre
- 5 — **O Doutor Fernandes Lopes — Apontamento Bio-bibliográfico**
por Antero Nobre
- 6 — **O Centenário do Nascimento do Cónego Monsenhor Dr. António Baptista Delgado**
por D. Ernesto Gonçalves Costa
- 7 — **Grutas do Cerro da Cabeça — A «Gruta da Senhora», para possível aproveitamento turístico**
por um grupo de Jovens Espeleólogos
- 8 — **O Fenómeno da Simultaneidade em João de Deus**
por Fernando Cabrita
- 9 — **No Centenário do Nascimento do Dr. F. Fernandes Lopes**
por Mariana Amélia Machado Santos
- 10 — **Subsídios para uma Bibliografia Olhanense**
por Antero Nobre
- 11 — **A população de Moncarapacho no Século XVI, Livre e Escrava, Através de Rois de Confessados Inéditos**
por J. Fernandes Mascarenhas
- 12 — **O Bom Humor em João Lúcio**
por Fernando Cabrita
- 13 — **O Carnaval de Moncarapacho (Subsídios para a sua História)**
por J. Fernandes Mascarenhas
- 14 — **Quem foi Sebastião Martins Mestre na História do Sotavento Algarvio?**
por Adérito Fernandes Vaz
- 15 — **Cronologia Geral da História de Olhão da Restauração**
por Antero Nobre
- 16 — **Acerca da antiguidade das freguesias de Quelfes e Pechão e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Olhão e sua primitiva confraria**
por J. Fernandes Mascarenhas
- 17 — **Do Colete de Forças ao Fonógrafo — Achegas para a compreensão da obra do médico algarvio Bernardino Adolfo e Silva (1856-1916), «A música, sua influência e emprego terapêutico»**
por Manuel Cadafaz de Matos
- 18 — **Dos novos intelectuais — seguido de «Ai, Cultura»**
por Fernando Cabrita e Erika Castor Teixeira
- 19 — **Alguns Topónimos Algarvios**
por Adérito Fernandes Vaz
- 20 — **Doze olhanenses que muito honraram a sua terra**
por Antero Nobre
- 21 — **Descrevinhações**
por Abúndio Martins
- 22 — **Esboço da personalidade de D. Maria Lizarda Palermo e o seu monumento**
por J. Fernandes Mascarenhas
- 23 — **Heróis Olhanenses de 1808**
por Antero Nobre
- 24 — **Notas de Arqueologia e História sobre o Algarve**
por J. Fernandes Mascarenhas